



Reflexões sobre a educação contemporânea: a contribuição de Abraham Joshua Heschel a partir de suas raízes judaicas

5

Reflections on contemporary education: the contribution of Abraham Joshua Heschel from its jewish roots

Renato Somberg Pfeffer*

Resumo: A filosofia da educação de Abraham Joshua Heschel busca, na tradição judaica, uma luz para o homem moderno. Esta tradição afirma que o mundo descansa sobre três pilares: estudar para participar da sabedoria divina, cultuar o Criador e ter compaixão pelo nosso próximo. Nossa civilização, afirma o filósofo, subverteu esses pilares fazendo do estudo uma forma de alcançar o poder, da caridade um instrumento de relações públicas e do culto uma forma de adorar nosso próprio ego. Essa crise extrema exige uma reorientação radical: estudo, culto e caridade são fins e não meios. O poder, por sua vez, deveria ser um instrumento e não a finalidade da existência. Para Heschel, o clímax da existência, a experiência suprema do viver, deveria ser estudar. Na prática, isso significa uma reforma radical dos fundamentos da educação contemporânea. Os *insights* heschelianos podem ser fundamentais para a compreensão da condição humana em sua historicidade e do mundo como lugar de realização da humanidade.

Palavras-chave: Heschel. Educação. Tradição judaica. Homem moderno.

* Doutor pelo Programa Interdisciplinar Filosofia, Tecnologia e Sociedade da Universidade Complutense de Madrid. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-Graduado em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Pucminas). Graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto na Faculdade IBMEC.



Abstract: The educational philosophy of Abraham Joshua Heschel seeks guidance in Jewish tradition for the modern man. This tradition states that the world rests on three pillars: to study in order to participate in the divine wisdom; to worship the Creator; and to have compassion for our neighbor. The philosopher states that our civilization has subverted these pillars making the study a way to achieve power, charity a public relations tool and cult a form of worshipping our own ego. This extreme crisis requires a radical reorientation: study, worship and charity are ends, not means. Power, in turn, should be a tool, not the purpose of our existence. For Heschel, Study should be the climax of existence, the ultimate experience of living. In practice this means a radical reform of the foundations of contemporary education. Heschelians insights may be fundamental to understand the human condition in its historicity and the world as a place of humanity's fulfillment.

Keywords: Heschel. Jewish tradition. Education. Modern man.

1 O grande desafio dos educadores contemporâneos

Esse artigo tem por objetivo propor alguns *insights* para se repensar os fundamentos das práticas educacionais na modernidade tendo como referencial teórico as ideias de Abraham Joshua Heschel. Para esse filósofo judeu, o espírito de nossa época é marcado pela negação da transcendência, pela insipidez dos valores e pela vacuidade do coração. Não sabemos como rezar, pensar, chorar ou resistir às tentações. Sua obra pretende compreender a condição humana em sua historicidade e repensar o processo educacional de nossa juventude.

Para Heschel, não adianta ao jovem simplesmente se integrar a essa sociedade, pois isso não atenuará sua frustração ou rebeldia. O que a juventude precisa é de uma existência significativa e de um sentimento de respeito pela sociedade em que vive. A grande questão que se coloca é: por que o jovem deve respeitar essa sociedade? Somente pessoas que vivem de forma compatível com o mistério da existência podem inspirar respeito nos jovens. A sociedade ocidental, caminhando na rota oposta, tem corroído progressivamente nossas sensibilidades morais e espirituais. O relativismo dos valores se alia à negação da vida interior. O único objetivo do ser humano parece ser desfrutar a realidade material do presente. O resultado prático disso é que a modernidade tem perdido o sentido de história e se entregado ao relativismo moral do compromisso local sempre frágil. O discurso de Heschel aponta e critica essa instrumentalização do mundo, do homem e de todos os valores.



Buscando na religião judaica uma luz para o homem moderno, Heschel afirma que o mundo descansa sobre três pilares: estudar para participar da sabedoria divina, cultuar o Criador e ter compaixão pelo nosso próximo. Nossa civilização subverteu esses pilares fazendo do estudo uma forma de alcançar o poder, da caridade, um instrumento de relações públicas e do culto, uma forma de adorar nosso próprio ego. Essa crise extrema exige uma reorientação radical: estudo, culto e caridade são fins e não meios. O poder na visão hescheliana, por sua vez, deveria ser concebido como um instrumento e não como a finalidade da existência. Para o filósofo, o clímax da existência, a experiência suprema do viver, deveria ser o estudar. Estudar aqui é entendido não como memorizar, mas como o ato de mergulhar na sabedoria. Sendo o estudo sagrado, o educador se torna o representante e o intérprete desse patrimônio. A escola deixa de ser uma fábrica para se transformar em um santuário. De tormento, o estudo passa a ser uma forma de culto. Heschel está se referindo ao verdadeiro estudo; aquele que se relaciona com coisas eternas e universais, aquele que não é uma etapa da vida, mas o sentido da existência.

O grande desafio dos educadores, na visão de Heschel, é provocar os jovens. Para ele, os jovens precisam conhecer o lado sombrio da vida, suas penúrias, doenças, dor e agonia. É necessário desafiá-los moralmente, pois pessoas mimadas sempre tendem a transferir seu fracasso aos outros. Não devemos temer exigir do jovem autodisciplina, abnegação e preocupação com problemas metafísicos. Caminhar no sentido oposto significa construir uma sociedade marcada por crises nervosas e pela autocompaixão.

O jovem tem que perceber que está em dívida com a sociedade, em dívida com Deus. O homem moderno acredita, por sua vez, que o mundo está em dívida com ele. Nesse sentido, mais uma vez, Heschel coloca a questão: como esperar que o jovem seja digno se a sociedade contemporânea tolera o ignóbil? O senso de responsabilidade que esperamos dos jovens só existirá se resgatarmos o respeito pelo que é sublime na existência humana e tomarmos consciência da transcendência do viver.

A filosofia educacional deve exigir mais do homem: mais profundidade, sacrifício e amor. Do contrário, o homem moderno continuará sua agonia, a agonia de um homem atrofiado. “Para ser humano, o homem deve ser mais que homem. Existe um interesse divino



na existência humana.” (HESCHEL, 2002, p. 156). Mais do que preparar o aluno para o mercado de trabalho, devemos nos preocupar com ensiná-lo a ser uma pessoa, a ativar sua alma. Para isso devemos treinar o homem interno e não apenas o externo, estimulando a quietude, a intuição e a apreciação. Dominar uma máquina é tão importante quanto dominar a si mesmo. A falta de interesse e entusiasmo intelectual dos alunos não é culpa apenas deles. Nosso sistema educacional tende a asfixiar o sentido de mistério do homem. Professores asfixiam os alunos com informações, fazem perguntas e gratificam as respostas certas, como se o mundo fosse totalmente calculável e explicável. Os alunos, ao contrário, deveriam aprender a perguntar e se assombrar com o mistério da vida. Existem dimensões da realidade que estão além de nosso alcance e, diante a essas dimensões, só podemos observar a beleza e a magnificência do universo.

2 A crítica de Heschel ao instrumentalismo moderno e o papel das religiões

Vivenciamos uma crise que a ciência secular, fruto do racionalismo ilustrado, foi incapaz de resolver. A ciência, apesar de todos seus avanços nos últimos dois séculos, demonstrou suas limitações para responder às questões últimas do ser humano. Ao mesmo tempo, as religiões tradicionais estão em crise, se tornando cada vez mais irrelevantes, monótonas, insípidas e opressivas. A disciplina, a crença e a rotina têm se sobreposto ao fervor, à fé e ao amor. Parafraseando Weber (1956, p. 298), as religiões se tornaram cada vez mais burocratizadas e racionalizadas.

Indo contra a onda racionalista e instrumentalista moderna, a proposta educacional de Heschel pretende resgatar o papel da religião. Na visão hescheliana, as religiões deveriam ser respostas às questões primordiais do ser humano e, quando essas se tornam secundárias, a crise se instala. Mais do que um estado de espírito ou um sentimento, a religião é um esforço intelectual que nasce no imo da razão. A contemporaneidade precisa, desesperadamente, tornar a busca de Deus uma necessidade para o homem que quer se superar.

Heschel afirma que existem três caminhos que levam a Deus: perceber sua presença no mundo, na Bíblia e nos atos sagrados. Na tradição judaica, esses caminhos correspondem, respectivamente, ao culto, ao estudo e à ação. “Os três são uma unidade e devemos recorrer



aos três para alcançar um único destino. Pois isto é o que descobriu Israel: o Deus da natureza é o Deus da história e a maneira de conhecê-lo é fazendo Sua vontade.” (HESCHEL, 2002, p. 58). O profeta Isaías (ISAÍAS, 40, 26 apud MELAMED, 1962, p. 446) clama ao homem: “Levantai ao alto os vossos olhos e vede: quem criou essas coisas?” É, portanto, uma premissa da religião judaica, assim como de outras grandes religiões, que o homem pode enxergar algo que é maior que ele mesmo.

Heschel acreditava que a filosofia poderia aprender muito com a Bíblia porque é nela que se encontram as respostas para os problemas fundamentais da humanidade. Como manter nossa integridade nesse mundo de falsidades? Como não se corromper quando estamos frequentemente expostos à maldade? Como ser morais em um ambiente imoral? Qual é o sentido de estar vivo e viver nesse momento tão conturbado da humanidade? Como educar nossos filhos?

Na relação do homem com o mundo, existem três caminhos a serem trilhados: explorar, desfrutar e aceitar com temor. Em outras palavras, a relação do homem com o mundo pode se dar no campo do poder, da beleza ou da grandeza. “A força, ele explora. A beleza é para seu gozo. E a grandeza enche-o de admiração.” (HESCHEL, 1974, p. 15).

A modernidade privilegia o primeiro desses caminhos. A natureza é vista sob o prisma da utilidade, e o *tecnosapiens* manipula o mundo para atender às suas necessidades. Não basta hoje ao homem entender como os gregos faziam ou respeitar como defendiam os hebreus, ele quer manipular sem pensar nas consequências. O homem moderno estuda para alcançar o poder e obter o sucesso. Seu objetivo é buscar o máximo de comodidade com o mínimo de esforço. Valor e utilidade andam lado a lado no mundo moderno. Nesse contexto, o interesse pela beleza e pela grandiosidade é deixado em segundo plano, e o homem é rebaixado de pessoa à coisa. Se o mundo é um instrumento, o próprio homem transforma-se em instrumento. A instrumentação do mundo, afirma Heschel, conduz à desintegração do homem.

Essa visão de mundo conduziu a humanidade à crença de que a ciência poderia resolver os problemas do mundo. A arrogância humana fez com que a consciência da grandeza e do sublime desaparecesse na modernidade. Isso se manifesta de forma patente na maneira como os pais, ao educarem seus filhos, equiparam conhecimento a sucesso. As novas gerações não são educadas para perceber o sublime, apenas para que elas explorem o aspecto de poder na realidade e, quando muito,



apreciem a beleza. Calcular, medir e pesar se tornam mais importantes que a percepção da grandeza interior da alma humana. O aspecto sublime da natureza é deixado de lado.

Ao tomar a natureza apenas como caixa de ferramentas, o homem se torna absorvido “numa torrente de ouro”, e o “único Deus que se pode encontrar é o bezerro de ouro”. (HAZAN, 2008, p. 63). Heschel nos diz que é através da beleza, de atos de bondade e na busca da verdade que podemos realmente perceber o sublime. “O sublime é aquilo que vemos e somos incapazes de expressar. É a alusão silenciosa às coisas com um significado maior que elas mesmas.” (HESCHEL, 2002, p. 60). O sublime é mais que uma experiência estética, é um ato de Deus, um milagre. Na Bíblia, o sublime é o modo como as coisas reagem a Deus, e ele pode ser encontrado tanto no imenso como no pequeno, tanto no poderoso como no fraco.

3 O homem religioso como contraponto do homem moderno: a concepção pedagógica de Heschel

Heschel pretende resgatar o homem religioso. Como contraponto ao homem moderno, o homem religioso se estarrece diante do milagre da história ou da natureza. Como afirma o Salmo 118, versículo 23: “Pois assim o determinou o Eterno. Maravilho é isto para nós.” (FRIDLIN; GORODOVITS; FRIDLIN, 2007, p. 174). Mesmo conhecendo as leis da natureza, ele não deixa de se surpreender e de se admirar diante do fato de que elas existem. Mais que curiosidade, essa admiração é uma atitude que jamais cessa, é uma forma de pensar.

Ante o sublime, o homem bíblico, mais que estupor, sente a ânsia em exaltar e louvar o divino. Ele admira e se surpreende com o sublime, pois tudo, nos céus e na Terra, depende continuamente do Deus vivo. O pecado é ficar indiferente ao sublime milagre da vida. O pecado do homem moderno é se crer prepotente e acreditar que a realidade necessita ser organizada para ser explorada.

A civilização tem feito a admiração pelos milagres refluir, e isso torna a percepção do divino, no mundo, impossível. Heschel defende que, em todos os lugares e momentos, somos confrontados com a grandeza e o mistério. O homem bíblico encontra maravilhas e prodígios no tempo, na natureza e na história. No incomum e no comum, fora dele e em sua própria existência. De acordo com a Torá, o sublime é o



caminho por meio do qual as coisas reagem à presença de Deus. O sublime não tem qualidade nem essência, “é um acontecimento, um ato de Deus, uma maravilha”. (HESCHEL, 1975, p. 63). Sublime não são fatos, mas atos divinos.

Na medida em que os milagres são diários, sua percepção deve ser mantida constantemente viva. Essa é a origem da oração. Quando comemos um pão, cheiramos uma flor, vemos a beleza do arco-íris, deveríamos, assim como o homem bíblico, invocar o nome de Deus. O modo judaico de viver é baseado na ideia de que todas as coisas possuem uma sabedoria oculta, e, por isso, os atos comuns devem ser vividos como aventuras espirituais.

É a partir dessa visão de mundo que Heschel fundamenta sua concepção pedagógica. Ela está ligada à ideia bíblica de *teshuvá*, ou retorno. Retorno à consciência do sublime que quase não mais existe na mente do homem moderno. Segundo Heschel, os sistemas educacionais contemporâneos estimulam o estudante a explorar o aspecto *poder da realidade*. O sublime é preterido pelo pesar e pelo medir. Honrar, se maravilhar e temer o sublime são negligenciados, tornando-se dons raros. “Sem isso, o mundo torna-se insípido e a alma se torna um vácuo.” (HESCHEL, 1975, p. 56).

Heschel acredita que a Bíblia judaica está comprometida com a ideia de que a educação pode atingir o homem em seu íntimo, refinando e exaltando sua natureza. Segundo a Torá, o homem deve crescer espiritualmente e, apesar de todas as suas perversidades, ele pode se redimir retornando a Deus e vivendo sob a égide da justiça e da compaixão.

Existe uma crescente falta de fé no ensino de valores, a qual está na base do fracasso da educação. Ao mesmo tempo, nossos jovens vivem sob o efeito nocivo de ambiente marcado pelo consumismo, pela ostentação e pelo cinismo. O educador, ou aquele que pretende ser um, deve partir da premissa de que somos capazes de educar o homem interior, estimular sua fé, formar sua personalidade, sua capacidade de discernimento, de apreciação. Isso é muito mais do que informar, estimular a memória e desenvolver suas habilidades. Cabe ao educador ensinar valores mais que dos conhecimentos. Não cabe a nós, como educadores, ficarmos esperando que os jovens “escutem e reconheçam a voz do espírito”. (HESCHEL, 2002, p. 137).



A proposta educacional de Heschel, em síntese, assinala a necessidade de se valorizar e se nomear o insondável, ensinando questões pertinentes ao sublime, sentimentos que dizem respeito ao mistério da criação e da natureza. Um processo educacional – que se restringe àquilo que está ao alcance dos sentidos e ignora o enfraquecimento emocional de nossa sociedade – está condenado ao fracasso. É necessário resgatar a capacidade de nos maravilhar e de reconhecer a fonte divina de nossas vivências. O sublime não é uma categoria estética ou está em oposição à beleza. Por outro lado, ele pode ser sentido nas coisas belas, mas não só ali: o sublime é sentido também nos atos de bondade e na busca da verdade, que nos libertam do egocentrismo.

4 Mirando os céus com os pés assentados na terra

Constantemente o homem está diante da alternativa de escutar ou “a Deus ou a serpente. É mais fácil invejar o animal, adorar um totem e ser dominado por ele do que atender a Voz”. (HESCHEL, 1974, p. 218). A decisão a ser tomada exige autoconhecimento, ou seja, uma reflexão constante acerca das finalidades de nossas intenções. Devemos buscar nossa integridade, pois “honestidade, autenticidade, integridade sem amor podem levar à ruína dos outros, de si mesmo ou de ambos. Por outro lado, amor, fervor, ou exaltação sozinha, pode seduzir a viver num paraíso alucinado – inferno do sábio”. (HESCHEL, 1995, p. 45). Para encontrar a verdade, precisamos estar amando, e, para experimentar o amor, é necessário vivenciarmos a verdade.

As obras de Heschel intentam inspirar o fiel a olhar o mundo de forma imprevista, levando-o à experiência de Deus. Seus escritos transitam entre os campos da teologia, da filosofia e da poesia. Ele traça os contornos da luta entre Deus e o ser humano que atrapalha o compromisso mútuo. Nessa luta, Deus e o ser humano possuem posturas ativas: Deus busca o homem, mas também o homem deve responder ao seu chamado.

Os gritos agressivos de Deus em busca de reconhecimento são chamados por Heschel de “Seu *pathos*”. O Deus dos profetas pensado por Heschel se preocupa, se envolve, se emociona com o mundano. Ele estende sua mão para além de si mesmo. O amor, a piedade ou a ira dos profetas expressa a busca de Deus pelo homem; a necessidade divina de retidão humana. Assim, Deus é uma presença constante no caminhar humano através de seus atos de cuidado com o ser humano. Por isso,



mais do que sentir ou ter a experiência de Deus, o homem tem o compromisso de compreender o significado desses eventos e servir a Deus.

Heschel enxerga em cada página da Bíblia a manifestação desse *pathos* divino. Por um lado, Deus manifesta seu *pathos* na criação, na revelação e na redenção; por outro lado, o *pathos* divino exige uma contrapartida humana, uma espécie de habilidade de percepção para experimentar a presença de Deus. Heschel chama essa sensibilidade religiosa de “arrebato radical”. (GILLMAN, 2007, p. 168).

O arrebato radical proposto por Heschel nega a normalidade do mundo, supera a simples curiosidade e propõe que tudo no mundo seja enxergado como se fosse pela primeira vez. Essa forma primitiva de ver as coisas é a maneira pela qual os poetas, as crianças e os artistas veem o mistério que envolve o cotidiano. A experiência religiosa que proporciona o arrebato e destrói o entorpecimento no qual estamos envolvidos ocorre em momentos isolados de nossa vida, de forma efêmera, pessoal e inefável. Ela, em si, não cria conhecimento algum; ela é pré-conceitual, pois a linguagem humana pode, no máximo, criar uma frágil imagem do encontro com Deus *a posteriori*.

Não seria a proposta de Heschel mais uma utopia de um educador bem-intencionado? A interpretação de Díaz (2004, p. 62) sobre o filósofo judeu Martin Buber parece ser aplicável também a Heschel: ambos se situam ao lado de um certo pensamento utópico que mira os céus com os pés assentados na terra, uma utopia que vive o processo de humanização desde a encarnação, sem reduzir a carne ao mundo nem compactuar com o satânico. Ideias como as de Heschel são uma necessidade para aqueles que se preocupam com a crise moral contemporânea.

A reforma radical nos fundamentos da educação moderna, proposta por Heschel, é essencial para a compreensão da condição histórica do homem e a realização plena da humanidade. Para existirmos como seres humanos, precisamos colaborar com o divino, precisamos ser parceiros de Deus. Isso significa testemunhar o sagrado, a grandeza da honestidade, a retidão, a verdade e o milagre da vida. Somente ouvindo o clamor de justiça e nos comprometendo com gestos de compaixão poderemos concluir o processo de criação do mundo.



Referências

- DÍAZ, Carlos. *El humanismo hebreo de Martin Buber*. Salamanca: Mounier, 2004.
- FRIDLIN, V.; GORODOVITS, D.; FRIDLIN, J. *Salmos: hebraico e português*. São Paulo: Sêfer, 2007.
- GILLMAN, Neil. *Fragments sagrados*. São Paulo: Comunidade Shalom, 2007.
- HAZAN, Glória. *Filosofia do judaísmo em Abraham Joshua Heschel: consciência religiosa, condição humana e Deus*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *O homem não está só*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- _____. *Deus em busca do homem*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- _____. *A passion for truth*. Woodstock: Jewish lights publishing, 1995.
- _____. *O último dos profetas*. Barueri: Manole, 2002.
- MELAMED, Meir Matzliah. *A lei de Moisés e as haftarot*. Rio de Janeiro: Danúbio, 1962.
- WEBER, Max. *Historia econômica general*. México: FCE, 1956.

Recebido em 28 de junho de 2010.

Aprovado em 14 de setembro de 2010.